NARRATIVA DE VIDA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ETHOS DE UMA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Márcia Fonseca de Amorim[1]
Natalia Silva do Lago[2]

Resumo: Este trabalho insere-se na área da Análise do Discurso e tem como objetivo analisar como a violência doméstica influencia a construção discursiva da imagem de si de uma mulher vítima de violência. A pesquisa, de natureza qualitativa, toma como corpus um depoimento publicado no YouTube, no canal Confessionário – Relatos de Casa, uma websérie criada durante a pandemia da COVID-19 com o propósito de incentivar mulheres a relatarem experiências de abuso vividas em relacionamentos afetivos. A análise fundamenta-se nos estudos de Maingueneau (2004, 2008, 2016, 2018), Amossy (2016), Beauvoir (2009), Wolf (2018) e Saffioti (2004). Os resultados evidenciam que a violência doméstica produz efeitos significativos na construção da imagem de si das mulheres que foram vítimas, revelando marcas de silenciamento, vulnerabilidade e resistência. Além disso, a análise demonstra como o relato público da experiência contribui para a visibilização da violência de gênero e para o apoio da luta feminista por mais respeito e legitimidade na sociedade.

Palavras-chave: Análise do Discurso, ethos, violência doméstica e mulher.

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa se insere no âmbito da Análise do Discurso - AD, proposta teórica que busca analisar o dizer como um acontecimento discursivo, com enfoque nas relações que cada sujeito estabelece consigo mesmo, com as coisas do mundo e com a sociedade à sua volta. A AD parte do pressuposto teórico de que cada indivíduo é interpelado em sujeito por meio das relações de força ideológica

1 Doutora em Linguística pela UNICAMP e docente na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Atua na área da Análise do Discurso de Linha Francesa. E-mail: marcia.amorim@ufla.br.

2 Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa (FCLAr), da Universidade Estadual Paulista (UNESP). E -mail: nslago6@gmail.com.

e de poder que dita quem pode dizer algo, o que pode ser dito em uma dada situação de interação e que efeitos de sentido esse dizer promove. A AD inscreve sua proposta na relação do sujeito com a língua e a história. Para tanto, esse campo de estudo fundamenta-se na ideia de que a ideologia atua no inconsciente e de que o sujeito pensa ser a fonte de um dado dizer, mas reproduz já ditos inscritos em uma memória discursiva.

Com base nas categorias da Análise do Discurso, buscamos analisar as influências da violência doméstica na construção da imagem da mulher, a partir da forma como ela fala de si mesma e como as outras pessoas compreendem isso. Mais especificamente, busca analisar o modo como a mulher é apagada e silenciada dentro de uma situação ou relação abusiva e diversas formas de violência a que ela é exposta. Dessa forma, analisaremos a imagem que a mulher constrói de si mesma em relações de abuso e violência e a imagem que a sociedade constrói dela nesse mesmo aspecto.

A escolha desse tema foi feita a partir da importância de estudar os aspectos sociais que interferem na luta das mulheres para conquistar seu espaço de direito na sociedade. Além disso, os casos de violência doméstica aumentam cada vez mais e é preciso que as mulheres se sintam seguras para procurar ajuda e denunciar os abusos que sofrem diariamente. Por fim, esse tema é muito relevante no ensino-aprendizagem atual que aborda questões sociais e busca trazer um pouco mais da realidade dos alunos para dentro da sala de aula.

Este trabalho constitui-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfica, ou seja, busca construir uma visão holística e familiarizar o pesquisador com os textos teóricos relacionados ao objeto de estudo. Para a realização da análise deste trabalho, será usado um depoimento de uma mulher sobre os abusos que sofria do ex-marido, tirado de uma websérie no YouTube chamada "Confessionário - Relatos de Casa". Considerando a dificuldade que as mulheres têm para falar sobre esse assunto, este trabalho busca incentivá-las a compartilhar suas experiências e a pedir ajuda caso estejam sofrendo algum tipo de violência. A seguir, traremos algumas categorias da AD que nos auxiliarão na análise do relato.

1 CONSTRUÇÃO DO ETHOS

Para entender como a nossa imagem pode ser construída através da linguagem e dos conceitos estudados pela Análise do Discurso, é fundamental entender a definição de ethos. Para Maingueneau (2016), existem duas razões para se recorrer à noção de ethos, são elas: a relação com a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso que ela implica. A instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso não é apenas um estatuto ou um papel, ela também é revelada como uma "voz" e como "corpo enunciante" que está historicamente especificado

e inscrito em uma situação, onde a enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente a construção do ethos. Ou seja, o discurso do sujeito não é apenas um conjunto de signos linguísticos, mas também sustenta uma ideologia intrínseca ao seu meio social.

Assim, o ethos é traduzido, de forma bastante inapropriada, como "caráter" e está relacionado com a enunciação, não com um saber extradiscursivo sobre o enunciador. De maneira mais pragmática, podemos dizer que o ethos se desenvolve no registro do "mostrado" e, em consequência, no do "dito". A eficiência do ethos está no fato de envolver a enunciação sem ser explicitado no enunciado. (Maingueneau, 2016)

Assim sendo, o ethos se mostra, ele não é dito. Se o ethos está decisivamente relacionado com a enunciação, devemos considerar que o público faz representações do ethos do enunciador antes mesmo que ele fale. Dessa forma, podemos fazer a distinção entre *ethos discursivo* e *ethos pré-discursivo*. Ademais, há certos discursos em que o coenunciador não consegue pressupor representações prévias do ethos do enunciador e, mesmo que o coenunciador não tenha nenhum conhecimento prévio do caráter do enunciador, apenas o fato de que um texto pertence a um gênero discursivo ou a um posicionamento ideológico é possível elaborar perspectivas em matéria de ethos. (Maingueneau, 2016)

O ethos discursivo não pode ser separado da posição institucional do enunciador, pois ela e a legitimidade que ela atribui ao enunciador contribuem para a construção de uma imagem prévia. O ethos prévio pode ser confirmado ou modificado através da intenção que o enunciador tem com seu discurso. O enunciador origina-se a partir da construção de uma imagem de si que corresponde a uma distribuição de representações preexistentes. Dessa maneira, a imagem de si construída no discurso é característica da interação verbal e define a capacidade do enunciador de portar-se para seus comunicadores. (Amossy, 2016)

O ethos prévio (imagem preexistente do enunciador) estabelece uma dinâmica com o ethos discursivo. Isto é, o enunciador deve produzir um discurso que seja coerente com a sua intenção argumentativa, considerando a imagem que o auditório projeta dele. O ethos prévio condiciona a construção do ethos discursivo e pode contribuir para reelaborar o estereótipo que pode desqualificar o argumento do enunciador. (Amossy, 2016). Portanto, a imagem preexistente pode modificar ou condicionar a construção do ethos no discurso, a análise argumentativa tem o objetivo de estudar a construção da imagem produzida pelo discurso e que interfere na representação prévia que o público cria do orador.

Para Maingueneau (2016), a pragmática permite trabalhar a materialidade do discurso e analisar a forma como o ethos é construído dentro da enunciação e do gênero do discurso. Mas também, a reflexão sociológica permite que a dimensão social do ethos seja destacada e permite que as posições institucionais sejam identificadas. Dessa forma, a construção discursiva, o imaginário social e a

autoridade institucional auxiliam no estabelecimento do ethos e da troca verbal que o ethos participa. (Maingueneau, 2016)

A construção do ethos a partir do discurso possibilita modificar as representações prévias e contribuir para a formação de imagens novas. Assim, a autoridade do enunciador é produzida pelo discurso a partir de uma troca verbal com a intenção de produzir e fazer a legitimidade. Para a retórica, o dizer é um fazer na medida em que agir sobre o auditório é levá-lo a construir imagens capazes de definir um comportamento. Assim, a construção de uma imagem de si é responsável por atribuir ao enunciador sua autoridade, isto é, o ethos é uma imagem de si construída no discurso e pode influenciar opiniões e atitudes. (Maingueneau, 2016)

Maingueneau (2004) defende o ponto de vista de que o enunciado é o resultado da enunciação e se origina de um enunciador, um sujeito situado além do texto. Esse sujeito que enuncia remete a um ethos que se revela a partir da enunciação e sua eficácia se deve ao modo como ele se constrói discursivamente na enunciação.

Ademais, o ethos é válido tanto para manifestações discursivas orais quanto escritas. Estes possuem um tom de autoridade sobre aquilo que é dito e isto permite ao leitor construir um corpo para o enunciador. De acordo com o autor:

> "o ethos implica, com efeito, uma disciplina do corpo apreendido por intermédio de um comportamento global. O caráter e a corporalidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las." (Maingueneau, 2004)

Maingueneau (2016) ainda propõe que qualquer discurso escrito possui uma vocalidade específica, o que permite que o discurso seja relacionado a uma fonte enunciativa, por meio de um tom que aponta para o modo como algo que se diz é dito. Por certo, a noção de ethos retoma não apenas a dimensão vocal, como também as determinações físicas e psíquicas conferidas ao personagem do orador pelas representações coletivas. A figura do enunciador é investida de caráter e corporalidade e construída discursivamente pelo coenunciador com base nos gestos, nos dizeres e no modo como este se mostra, pois o coenunciador é responsável por construí-la com base nos indícios textuais. O "caráter" condiz com a quantidade de traços psicológicos, já a "corporalidade" é associada à constituição física, à forma de se vestir e de se mover.

Assim, o ethos envolve um controle implícito do corpo, ou seja, o caráter e a corporalidade do fiador apoiam-se na disseminação de um conjunto de representações sociais que são valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos que a enunciação se apoie e que contribuem para reforçar ou transformar o discurso. O enunciador se reveste de um caráter e uma corporalidade para persuadir o público, levando-o a se identificar com os valores socialmente estabelecidos. Ou seja, incorporamos ao enunciador uma imagem com base no que lemos e também no que já conhecemos da sociedade.

Essa incorporação usada para denominar a maneira pela qual o coenunciador se relaciona ao ethos discursivo pode ser dividida em três registros indivisos: (I) a enunciação do texto é responsável por dar ao fiador uma corporalidade; (II) o coenunciador apropria-se de um conjunto de esquemas que dizem respeito à forma de relacionar-se com mundo, em seu próprio corpo; (III) essas duas incorporações anteriores permitem a composição de um corpo, da comunidade imaginária dos que seguem um mesmo discurso. (Amossy, 2016)

Mas também podemos apontar um paradoxo nesse conceito de ethos, pois é por meio do enunciado produzido pelo enunciador que o seu dizer deve ser legitimado. Assim, o coenunciador passa por dois processos de incorporação resultante da ação do ethos sobre ele, que são: o coenunciador atribui um ethos para o fiador; ele incorpora um conjunto de esquemas que definem um determinado sujeito, caracteriza seu jeito de ser no mundo. Por fim, essas duas incorporações permitem a criação de um corpo, o da comunidade imaginária daqueles que concordam com um mesmo discurso.

A complexidade de sentidos que um discurso "carrega" é imposta tanto pelo ethos como pela "doutrina"; as "ideias" identificam-se através de uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser. Ainda, o poder da persuasão advém da capacidade de levar o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo constituído por valores historicamente especificados. "Paradoxo constitutivo: é por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer." (Maingueneau, 2016, p. 73)

Assim, o enunciador leva em consideração, em uma organização discursiva que funciona em um determinado sistema cultural e que implica representações, lugares e momentos de enunciação legítimos, uma base material e um modo de circulação para o enunciado. No interior da análise do discurso, não podemos definir o ethos como um meio de persuasão, como a retórica faz, mas sim considerá-lo como parte da cena enunciativa, conforme postula Maingueneau (2016).

2 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MULHER

Vivemos em uma sociedade marcada pelo patriarcado, ou seja, nossa sociedade é estruturada a partir de princípios misóginos que favorecem homens brancos, cisgêneros e heterossexuais. Segundo a autora Heleieth Saffioti (2004),"[...] o caráter masculino do contrato original, ou seja, é um contrato entre homens, cujo objeto são as mulheres. A diferença sexual é convertida em diferença política, passando a se exprimir ou em liberdade ou em sujeição" (Saffioti, 2004, p. 55). Dessa forma, dentro de uma cultura patriarcal, a figura do homem assume uma posição de autoridade política, moral e religiosa sobre a mulher e os filhos. Vale ressaltar que o patriarcado constitui uma construção histórica e social complexa, que ultrapassa a esfera doméstica e se manifesta em diferentes dimensões da vida social, como

as instituições, os discursos e as práticas culturais. Nesse sentido, o termo não se restringe à relação autoritária do homem no âmbito familiar, mas refere-se a um sistema de organização social que estrutura e legitima relações desiguais de poder entre os gêneros (Saffioti, 2004). Assim, sua mobilização por movimentos feministas não se dá apenas como um recurso político, mas como uma categoria analítica fundamental para problematizar as formas pelas quais tais desigualdades são historicamente produzidas e naturalizadas.

Simone de Beauvoir (2009), no seu livro "Segundo Sexo", discorre sobre as desigualdades entre homens e mulheres na nossa sociedade, desigualdade essa que tem início desde quando somos crianças e somos ensinados de formas diferentes. A autora nos mostra como isso impacta na nossa formação como sujeitos. Existem padrões comportamentais que são passados de pais para filhos e isso define como meninos e meninas devem se comportar na sociedade. A autora faz uma análise dos processos de tornar-se mulher, uma vez que esse processo é uma construção social. Segundo a autora:

> "[...] quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos é mantido numa situação de inferioridade, ele é de fato inferior; mas é sobre o alcance da palavra ser que precisamos entender-nos; a má-fé consiste em dar-lhe um valor substancial quando tem o sentido dinâmico hegeliano: ser é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve se perpetuar. " (Beauvoir, 2009, p.25)

Beauvoir (2009) escreveu esse livro quase sete décadas atrás e a sociedade ainda se mostra machista e patriarcal – as mulheres continuam sendo tratadas como inferiores e sendo subjugadas. Nessa perspectiva, podemos dizer que desde pequenas as meninas são ensinadas a desistirem de sonhos e objetivos e aceitarem que seu destino é casar, ter filhos e cuidar da casa. Muitas mulheres ainda são educadas para agradar aos homens e para ocupar um espaço social que já está pré-estabelecido. Dessa forma, observa-se a perda do protagonismo sobre a própria vida, levando algumas mulheres a se verem submetidas a situações de violência, humilhação e desrespeito, por acreditarem ser essa a condição que lhes é devida.

Wolf (2018) afirma que, a partir da década de 1970, quando a mulher começou a conquistar mais sua independência e seu espaço na sociedade (como o direito ao voto, o acesso ao ensino superior e direitos legais e reprodutivos etc) o patriarcado encontrou outra forma de impedir o progresso dos movimentos feministas e da busca pela igualdade. Dessa forma, a pressão começou a aumentar sobre seus corpos e um padrão de beleza passou a ser vendido pela indústria. Segundo a autora, "quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas" (Wolf, 2018, p.23).

Com base nessas discussões acerca da construção social da mulher, do ethos e da estereotipagem, podemos analisar casos de violência doméstica, que efeitos eles podem ter na vida da mulher, tanto fisicamente quanto emocionalmente, bem como os impactos que a mulher sofre ao ser silenciada, violentada e submissa a um relacionamento e de que maneiras o estereótipo da mulher que passa por esses abusos é construído pela sociedade. Além disso, podemos refletir sobre as mudanças na imagem da mulher antes, durante e depois da violência doméstica, sobre as fases do ciclo da violência doméstica e como a mulher está sempre em situação de constante perigo e medo.

Para exemplificar o que foi dito, podemos citar uma série da Netflix lançada no ano de 2021 chamada "Maid" (empregada em inglês) que conta a história de uma mulher que, durante muitos anos, sofreu violência doméstica de diferentes naturezas, e como foi seu processo para sobreviver e superar essa violência, além das suas dificuldades para lidar com uma sociedade que não aceita o divórcio e a maternidade solo. Durante o desenrolar da história, percebemos como as condições físicas e mentais da personagem vão mudando de forma gradual: ela passa por um processo de reconstrução da sua imagem antiga para apagar a imagem da mulher abusada.

Para entendermos ainda mais esse processo, focaremos o episódio nove da série. Nesse momento da série, a personagem principal (Alex) já havia se reconciliado com seu ex-companheiro e voltou a morar com ele. Como previsto, a relação dos dois começa a piorar e a se tornar ainda mais violenta. Quando volta a morar com seu companheiro, Alex para de trabalhar, tem o celular e o carro confiscados por ele, sendo proibida de sair de casa. O que chama a atenção nesse episódio é o modo como a personagem é retratada na série. Sempre que está acontecendo alguma coisa ou as pessoas estão conversando ao seu redor, Alex é mostrada como estando no fundo de um poço.

Após uma briga muito agressiva com seu companheiro, Alex volta para o abrigo apenas com a roupa que usava e a filha nos braços, disposta a nunca mais voltar com ele. Assim, ela é convidada a ir à loja do abrigo e escolher algumas roupas. Nesse momento, a personagem não consegue lembrar qual é a sua cor favorita para escolher uma roupa, é possível notar seu desconforto ao tentar realizar essa simples tarefa. Ela passou por momentos difíceis que se deixou de cuidar de si mesma, perdeu sua autoestima. Porém, quando a série mostra feedbacks da vida dela, é possível notar como Alex, antes do relacionamento abusivo, era reluzente, feliz e confiante. Após anos de abuso, ela aparenta estar mais cansada, pálida, sem confiança e passa a andar apenas com a cabeça baixa, tudo isso caracteriza o silenciamento a que foi imposta e a perda da própria imagem. No tópico a seguir, vamos aprofundar a discussão sobre a violência doméstica a partir da análise de um relato de vida.

3 ANÁLISE DE UMA NARRATIVA DE VIDA: A CONSTRUÇÃO DO ETHOS DE UMA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), desde 2013, o Brasil ocupa o 5° lugar no ranking de 83 países que mais matam mulheres[3]. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021[4], em 2020, nosso país registrou 3.913 homicídios contra mulheres, com 230.160 casos de lesão corporal dolosa por violência doméstica, registrados na polícia civil. Foram 1.350 feminicídios, dos quais 61,8% foram cometidos contra mulheres negras/pardas. Além disso, uma pesquisa do DataSenado (2021)[5] revelou que 68% das 3 mil mulheres entrevistadas conhecem alguém que já passou por violência doméstica e 27% das entrevistadas declararam já terem sofrido agressão de um homem.

Atualmente, existem diversas ONGs, leis, projetos, profissionais e movimentos que buscam ajudar mulheres a sair de relacionamentos abusivos e violentos. Assim, a necessidade de debater mais sobre esse assunto e de incentivar as mulheres a denunciarem e não ficarem caladas aumentou. Constantemente, vemos campanhas e propagandas que encorajam as mulheres a buscarem ajuda. Em virtude disso, os estudos sobre a violência doméstica aumentaram. O ciclo desse tipo de violência se estabelece, na maior parte dos casos, da seguinte forma: aumento da tensão, ato de violência e lua de mel[6]. Nessas três fases, a mulher sofre vários tipos de violência (física, moral, psicológica, sexual e patrimonial), que podem ser praticadas de maneira isolada ou não. Conhecer esse ciclo torna menos difícil entender o que as mulheres passam e qual a melhor forma de ajudá-las.

Com a pandemia do Covid-19, os casos de violência doméstica aumentaram drasticamente visto que as mulheres foram obrigadas a ficar em isolamento social dentro de casa com seus parceiros. Tendo em vista esse fato, algumas atrizes famosas se mobilizaram para desenvolver um canal no YouTube com relatos sobre violência doméstica (VD) que pudessem de alguma forma ajudar e encorajar as mulheres que estivessem passando por situações semelhantes. O canal "Confessionário - Relatos de Casa", desenvolvido durante a quarentena, aborda relatos de violência doméstica por meio de diversos depoimentos de vítimas sob a direção de Deborah Finocchiaro e Luiz Alberto Cassol. Ao final de cada episódio, a advogada Gabriela Souza, especializada em tratar de casos de violência doméstica contra a mulher, traz orientações voltadas para vítimas e público em geral no intuito de instruir sobre esse delicado tema. A partir da segunda temporada, as atrizes passaram a relatar a própria história de violência sofrida por elas.

---

3 Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/o-que-e-violencia-domestica.html> Acesso em: 10/03/2022.

4 Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v-6-bx.pdf> Acesso em: 22/03/2022.

5 Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/12/09/violencia-contra-a-mulher-aumentou-no-ultimo-ano-revela-pesquisa-do-datasenado> Acesso em: 22/03/2022.

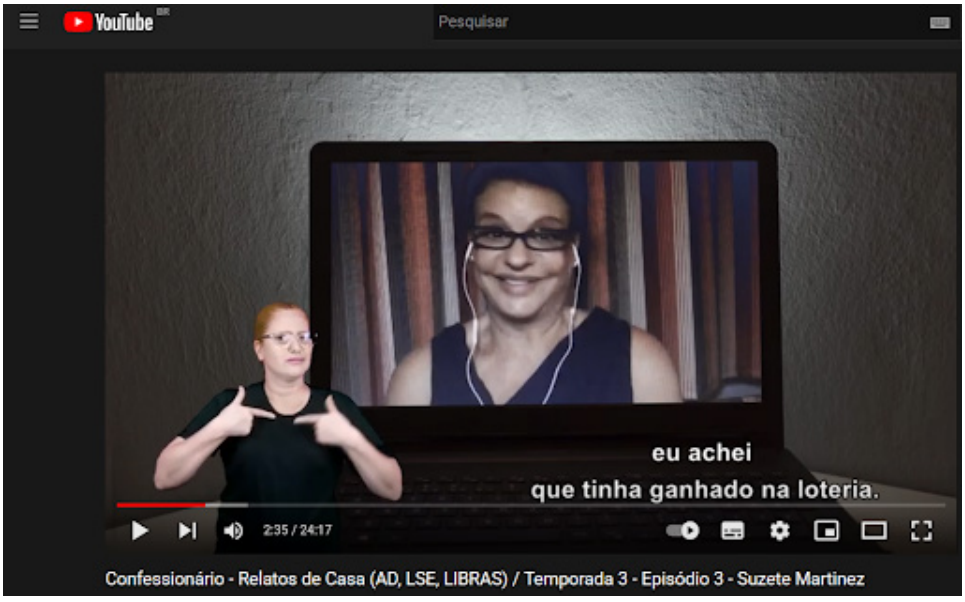
6 Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html> Acesso em: 22/03/2022.

O principal objetivo desse projeto é encorajar as mulheres a falarem sobre as situações de violência doméstica que foram submetidas, mas também mostrar para essas mulheres que elas não estão sozinhas. Logo, quanto mais mulheres darem voz ao seu sofrimento e superarem o silêncio que sofrem, mais mulheres terão essa atitude e irão procurar ajuda. Para compor o corpus deste trabalho, foi escolhido o episódio três da terceira temporada da websérie, o relato de Suzete Martinez.

Nesse episódio da websérie, a vítima Suzete Martinez, de 61 anos, relata sua experiência com um relacionamento abusivo e a violência doméstica sofrida por ela. Para entender um pouco mais sobre sua história, Suzete conta um pouco mais sobre sua família, começando pelo pai que tinha problemas psiquiátricos e pela mãe que sofria muito tentando ajudá-lo. Desde muito jovem, ela tinha planos de sair de casa e conquistar sua própria independência e viu essa oportunidade ao conhecer seu primeiro namorado ainda na adolescência.

Segundo Suzete, o começo do namoro dos dois foi muito bom, ela era muito bem tratada e se sentia amada por seu namorado. De acordo com ela, *"E de todas as meninas a que ele escolheu para ser a namorada dele fui eu! Isso pra mim era uma vitória [...]"* (2:07 - 2:24). Com algum tempo de namoro, seu ex-companheiro a pediu em casamento e a convidou para deixar o interior e mudar para Porto Alegre. Mesmo sem o apoio da sua família, que a achava muito jovem, Suzete aceitou e se mudou com o marido. Porém, já no primeiro dia morando na cidade nova, ela começou a notar diferenças no comportamento do marido, ele passou a ser mais obsessivo, ciumento, agressivo e violento. O casamento teve duração de sete meses e durante esse tempo Suzete foi vítima de violência e de humilhação.

Figura 1: Captura de tela de vídeo publicado no canal "Confessionário: Relatos de casa", temporada 3 - Episódio 3 - Suzete Martinez, YouTube, 2021.



Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YyPpeuPMQoU. Acesso em: 14/04/2026.

Na imagem retratada na Figura 1, Suzete conta como foi o começo do relacionamento com seu ex-companheiro. Apesar de a família ir contra um casamento tão cedo, Suzete se sentia muito especial por ter sido escolhida pelo companheiro e acreditava amá-lo. Ela relata, *"Eu briguei bastante em casa porque minha mãe achou um absurdo, eu era muito nova para casar. Mas eu sempre fui muito voluntariosa e consegui o que queria."* (2:41 - 2:50). Ela sorri ao lembrar do início de sua história e também sorri ao lembrar do pedido de casamento. Desde o começo, ela sabia que seu marido era ciumento e isso só passou a ser um problema quando eles se mudaram para longe da família.

Assim, podemos compreender que não é qualquer sujeito que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância (Foucault, 1971). A produção do discurso é controlada para que seus poderes e perigos sejam medidos e contidos, assim o discurso é propagado em uma situação na qual os interlocutores já sabem seus direitos de falar e os lugares e circunstâncias que são pré-determinados. Afinal, os discursos que são realizados baseiam-se nas permissões que recebem de acordo com a esfera da sociedade em que os sujeitos pretendem atuar. (Foucault, 1971). O lugar de fala que Suzete ocupa caracteriza a forma como seu discurso é organizado e, ainda, é afetado pelos processos de silenciamento sofridos pela vítima.

Ao narrar sua história, Suzete constrói uma imagem de si para o público da websérie, mostrando o ethos de uma mulher forte, determinada que passou por momentos de sofrimento, de violência doméstica, mas que tomou a atitude correta ao romper um relacionamento abusivo. Assim, o ethos se manifesta no discurso de acordo com as escolhas do orador. Ao estruturar o seu dizer, Suzete compartilha conosco os abusos que sofreu e nos permite construir o ethos que vai se mostrando à medida em que ela narra a sua história. Auxiliam nessa construção, os gestos, as feições e o modo como ela diz de si e de seu ex-companheiro.

Figura 2: Captura de tela de vídeo publicado no canal "Confessionário: Relatos de casa", temporada 3 - Episódio 3 - Suzete Martinez, YouTube, 2021.

Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YyPpeuPMQoU. Acesso em: 14/04/2026.

A imagem de Suzete é construída pelo público mesmo que ele não possua nenhum conhecimento prévio de seu caráter. Apenas o fato de que esse relato pertence a um posicionamento ideológico contribui para a construção de um ethos de vítima, mas também um ethos de denúncia. A segunda imagem busca situar o momento em que ela está narrando como era seu casamento. Já na primeira manhã de casados, seu marido começou a apresentar atitudes ciumentas e grosseiras com ela, impedindo-a de sair do quarto e de fazer o que queria. Ao longo do vídeo, é possível notar como a expressão facial e o tom de voz assumido por ela mudam, desconstruindo a imagem de uma mulher sonhadora e feliz, passando à construção de uma mulher assustada e confusa.

A imagem que a vítima deseja construir de si mesma é mostrada através da sua maneira de se exprimir. Nesse caso, a construção do ethos está relacionada com o discurso em funcionamento e não no sujeito em si. Independente da capacidade oratória de Suzete, ela é responsável pelo discurso e pela construção de sua imagem por meio dele, uma vez que ela relata sua experiência com a violência doméstica.

Assim, a constituição do ethos a partir de um discurso é capaz de mudar as imagens prévias e contribuir para a formação de imagens novas, de outras feições e outras atitudes. Essa feição é mostrada na mudança do semblante de Suzete. Em seu relato, ela compara o tempo de casada com um cativeiro, visto que, quando seu marido saia para trabalhar, ela ficava trancada com cadeado dentro de casa. Segundo ela. *"Eu era uma menina super bem tratada na minha cidade pelos meus pais, embora com problemas. E estava vivendo aquilo, que era um inferno para mim."*

(4:54 - 5:04). A partir desse ponto, o relato de Suzete traz as situações de violência vivenciadas por ela, a voz passa a ser mais forte. Ela mostra angústia, abaixa a cabeça e se mostra para o público como um sujeito que ainda carrega as marcas da violência sofrida. Todas essas situações que são compartilhadas mostram como os meses de violência doméstica contribuíram para o silenciamento e o apagamento da imagem da mulher. Ao narrar sua história, é possível que a barreira do silenciamento seja superada. Podemos perceber isso quando ela relata, *"E eu sempre olhando para baixo porque ele não me deixava olhar para cima. Eu tinha que olhar para baixo."* (5:49 - 5:53).

Figura 3: Captura de tela de vídeo publicado no canal "Confessionário: Relatos de casa", temporada 3 - Episódio 3 - Suzete Martinez, YouTube, 2021.

Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YyPpeuPMQoU. Acesso em: 14/04/2026.

Nesse ponto, Suzete não consegue parar de chorar ao comparar como era bem tratada pela família na cidade natal e como passou a ser tratada por seu companheiro. Mais uma vez ela desabafa e diz não entender o porquê de ter passado por algo assim e nem como ele poderia ter mudado tanto em tão pouco tempo. Nesse sentido, a construção do ethos também retoma elementos físicos e psíquicos. Isso nos leva a projetar os efeitos que a violência doméstica teve na vítima a partir da dificuldade de se interagir com outras pessoas, ainda que essa interação se dê por meio da gravação de um depoimento. A cabeça baixa compõe a cena em que os dizeres não trazem mais o tom de segurança, mas de insegurança, de vergonha, de medo e de dor.

Suzete conta que, quando saía de casa com seu companheiro, ela temia o ciúme exagerado dele e ficava sempre com a cabeça baixa e não falava para evitar confusão.

De acordo com a vítima, *"Eu não podia olhar para cima. Se eu olhasse para cima ou levantasse um pouco o pescoço eram agressões disfarçadas [...]"* (12:20 - 12:31). Outra consequência que a violência doméstica gera é a interdição (Foucault, 1971), ou seja, aquilo que pode ou não ser dito em determinada instância social. Essa interdição pode partir de diversas instâncias sociais, inclusive da instância doméstica. Ao narrar os momentos de violência sofridos, a mulher começa a se sentir insegura para falar em público, mesmo estando em casa. Essa cena instaura a primeira fase do ciclo da violência: o aumento da tensão. O sofrimento evocado por meio do dizer se materializa no tom e na corporalidade assumidos por ela. Dessa maneira, é possível perceber que o discurso é controlado, organizado e redistribuído por procedimentos que consideram os poderes e os perigos que ele pode ter.

Em sequência, Suzete relata a primeira vez que sofreu violência física de seu companheiro, o que representa a segunda fase do ciclo da violência: o ato violento. Com base no fato narrado, é possível notar a manutenção da desigualdade no que tange o direito de dizer na sociedade. Historicamente, o patriarcado se estrutura como uma relação de poder que supõe aos homens maiores privilégios que às mulheres, a violência doméstica é uma consequência dessa crença. A atitude do ex-marido de Suzete reforça esse paradigma de uma sociedade patriarcal e uma cultura machista. Ademais, podemos perceber a complexidade dos processos responsáveis por definir o lugar de fala dos sujeitos e as diversas formas de silenciamento pelos quais Suzete passou e que se mostram presente em sua fala.

Figura 4: Captura de tela de vídeo publicado no canal "Confessionário: Relatos de casa", temporada 3 - Episódio 3 - Suzete Martinez, YouTube, 2021.

Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YyPpeuPMQoU. Acesso em: 14/04/2026.

Dando seguimento ao vídeo, ela continua a relatar os abusos que sofria e divide com o público sua indignação ao relembrar que ninguém a ajudou. Muitas pessoas presenciaram as agressões sofridas por ela, mas ninguém fazia nada. Essa fala remete a uma memória social de que "em briga de marido e mulher não se mete a colher", legitimando as atitudes assumidas por ele em relação a sua companheira – o homem tem certo "poder" sobre sua mulher, então é comum as pessoas não tomarem atitude diante de uma relação abusiva.

Além de relatar todas as agressões, Suzete afirma que perdeu a vontade de sair de casa e se tornou uma prisioneira do seu marido, tanto psicologicamente e emocionalmente, como fisicamente – o que nos remete à ideia de autossilenciamento. Suzete afirma que *"vivia tão envergonhada, tão humilhada que eu não fazia nada."* (12:58 - 13:07). Ela conta ter chegado em um momento em que não conseguia mais pensar, só lutava para sobreviver. Suzete acreditava ter a mesma sina que a mãe dela, que o certo era sofrer na mão de quem amamos. Isso se deve a padrões sociais de que a menina deve ser ensinada a sempre se calar e abaixar a cabeça para o homem. Fugir desses padrões nunca é fácil. O estereótipo de mulher submissa, evocado por uma sociedade patriarcal e machista, perpassa grande parte do relato de vida de Suzete.

Em uma discussão muito violenta, ela acabou desmaiando e, quando acordou, no dia seguinte, seu marido estava diferente, mais calmo, prometendo levá-la para passear e ir ao cinema. Esse fato caracteriza a terceira fase do ciclo da violência: a lua de mel. Essa última fase do ciclo é marcada pelo arrependimento do homem e a mudança de comportamento para conseguir a reconciliação. A mulher se sente pressionada a manter seu relacionamento visando atender às projeções sociais sobre si, principalmente quando o casal tem filhos. Ainda, a mulher continua renunciando a seus direitos e recursos por acreditar que seu marido "vai mudar". Ao mesmo tempo, sente-se responsável pelo remorso dele, o que intensifica a relação de dependência entre vítima e agressor. Por fim, experimenta uma mistura de confusão e medo, com isso, a tensão entre os dois retorna e o ciclo recomeça.

Ao se aproximar do final do relato, podemos notar que sua expressão começa a mudar e no lugar de tristeza ela passa a expressar raiva e indignação. Por último, ela relata não saber quando ou como, mas "a velha Suzi volta". Ela afirma que estava no limbo, mas se lembra de um ônibus que ia para sua cidade um tempo antes de seu marido sair do trabalho, assim ela juntou suas coisas e a chave da casa e foi embora. Mesmo indo atrás da liberdade, ela foi até a rodoviária olhando para o chão, ainda se sentindo com muito medo de ele descobrir e ir atrás dela. De acordo com seu relato, *"Eu não sei em que momento a velha Suzi voltou. [...] Eu fui até a rodoviária olhando para as calçadas."* (14:35 - 15:16). Nesse ponto, ela reconstrói a imagem antiga para apagar a imagem da mulher abusada e conseguir sair do ciclo da violência doméstica.

Tendo em vista que o ethos é uma imagem de si construída por meio do discurso e que essa projeção de si pode influenciar opiniões e atitudes, relatos de

vida como esses, em que as mulheres compartilham suas experiências, incentiva outras mulheres a tomarem uma atitude semelhante e lutarem cada vez mais pelo fim do ciclo da violência doméstica. O projeto "Confessionário – Relatos de casa", se constitui como uma forma de dar voz às mulheres que há muito tempo foram caladas por uma cultura machista que promove na mulher uma vergonha de relatar os abusos e pedir ajuda. Para construir a imagem do fiador, o auditório passa pela estereotipagem, ou seja, sofre influência dos modelos culturais, então as mulheres que dão voz ao seu sofrimento quebram o paradigma de que a mulher abusada deve abaixar a cabeça e se sentir culpada.

Por fim, Suzete termina o vídeo dizendo que os tempos são outros, existem muitos meios pelos quais as mulheres podem pedir ajuda e socorro e que, por sermos fortes e corajosas, não merecemos passar por isso. Sua expressão no final do vídeo é de muito orgulho e coragem. Ela se mostra para o público de cabeça levantada, mais altiva, utilizando um tom e assumindo uma compleição corporal de uma mulher forte e determinada. Não se mostra mais cabisbaixa e levanta a voz – a mudança de imagem é marcada pela atitude assumida por ela. Suzete reconstrói uma imagem sua mais forte e mais corajosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre violência doméstica tem aumentado cada vez mais. Muitas mulheres têm conseguido romper o ciclo de violência, denunciando os abusos que sofrem de seus companheiros e procurando ajuda para reconstruir sua história. Com a pandemia do COVID-19, os casos de VD se intensificaram visto que tivemos que cumprir um isolamento social, assim muitas mulheres passaram ainda mais tempo em casa com seus companheiros. Passamos por um momento em que falar sobre a violência contra as mulheres ganhou ainda mais urgência e importância.

Com base na análise desenvolvida neste trabalho, podemos concluir que existem diversas consequências causadas pela violência doméstica nas mulheres que podem ser tanto físicas quanto emocionais. Projetos como o "Confessionário - Relatos de casa" incentivam as mulheres a falarem sobre suas experiências e a quebrar o tabu que existe em torno desse assunto. Além do mais, é possível notar, por meio dos recursos linguísticos usados por ela, como o silenciamento é doloroso e pode afetar em muitos aspectos a vida da mulher, como a autoestima, a aparência etc.

Ainda, os estudos na área da Análise do Discurso contribuem para que possamos analisar as situações do nosso cotidiano de forma mais reflexiva e entender como os estudos linguísticos contribuem para a compreensão de nossas práticas discursivas. Dessa forma, a AD contribui para que possamos notar as consequências da violência doméstica nas mulheres do nosso convívio, isto é, a partir da análise realizada neste trabalho, podemos identificar características das violências que a mulher sofre no seu modo de falar, andar e interagir na sociedade. É importante

que saibamos identificar essas características para que possamos ajudar essas mulheres e evitar ainda mais feminicídios.

Por fim, com a realização deste trabalho, foi possível compreender um pouco mais sobre a luta da mulher para conquistar seu lugar na sociedade. A imagem da mulher é apagada por causa dos abusos pelos quais passa, mas, ao se libertar de seu opressor, ela consegue reconstruir sua imagem. Isso só é possível se ela conseguir recuperar a vontade de se sentir livre e de reconstruir uma memória de si dos momentos em que se sentia mais feliz. É importante compreender que as mulheres precisam ter espaço para dar voz às suas opiniões e para relatar os abusos pelos quais passam. O relato de uma mulher vítima de violência pode ajudar outras mulheres a também relatarem suas histórias e a desconstruir a estereotipia de que a mulher deve ser submissa a seu companheiro.

LIFE NARRATIVE: THE SOCIAL CONSTRUCTION OF THE ETHOS OF A WOMAN VICTIM OF DOMESTIC VIOLENCE

Abstract: *This study is situated within the field of Discourse Analysis and aims to examine how domestic violence influences the discursive construction of the self-image of a woman who has experienced abuse. This qualitative research takes as its corpus a testimony published on YouTube through the channel Confessionário – Relatos de Casa, a web series created during the COVID-19 pandemic with the purpose of encouraging women to share experiences of abuse suffered in intimate relationships. The analysis is grounded in the works of Maingueneau (2004, 2008, 2016, 2018), Amossy (2016), Beauvoir (2009), Wolf (2018), and Saffioti (2004). The findings reveal that domestic violence produces significant effects on the construction of the self-image of women who have experienced abuse, exposing traces of silencing, vulnerability, and resistance. Furthermore, the analysis demonstrates how the public narration of such experiences contributes to making gender-based violence more visible and to supporting the feminist struggle for greater respect and legitimacy in society.*

Keywords: *Discourse Analysis, ethos, domestic violence and women.*

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 119-144.

CONFESSIONÁRIO: Relatos de Casa. *Temporada 3 - episódio 3 - Suzete Martinez*. YouTube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YyPpeuPMQoU. Acesso em: 15 abr. 2025.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 29-56.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico à noção de ethos. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 53, n. 3, p. 321-330, jul./set. 2018.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

Recebido em 20 de março de 2026
Aprovado em 28 de maio de 2026